

Feminização das migrações e invisibilidade da mulher migrante na mídia¹

Ana Beatriz Figueira Alves²

José Tarcísio Oliveira Filho³

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Esta pesquisa recorre ao método de revisão bibliográfica (STUMPF, 2012) para investigar como as questões de gênero perpassam pelos deslocamentos humanos, buscando, enquanto objetivo, refletir sobre o papel da mídia nos processos migratórios. Nos últimos anos a migração tem aumentado significativamente na América Latina (R4V, 2021). Em 2017, com a intensificação das crises econômica e social na Venezuela, milhares de pessoas se viram forçadas a deixarem seus países, empregos e famílias para tentarem melhores condições de vida no Brasil. Roraima, estado localizado no extremo Norte do Brasil, fazendo fronteira com a Venezuela, constitui-se como uma das portas de entrada para os imigrantes venezuelanos. Grande parte da população migrante chega a Roraima em situação de extrema vulnerabilidade. Sem ter onde dormir ou comer, são expostos a diferentes tipos de violência. Além da ausência de condições básicas de sobrevivência, esses corpos são estigmatizados pela sociedade e pela mídia, sendo negligenciados na cobertura de matérias jornalísticas. Assim, assumem papel de personagem passivo em situações onde são protagonistas, como já foi identificado não só no contexto regional, mas também em outros países que também possuem taxas de migração elevadas, como a Itália (ALBUQUERQUE, 2020). A invisibilidade da mulher migrante, em especial, é problemática. Partindo do princípio de que a mulher migrante não pode ser resumida a uma bagagem trazida ao Brasil pela figura migrante masculina, mas sim autora da própria narrativa, é imperativo compreender os fatores que levam a tal representação. Desse modo, o primeiro passo para este estudo é compreender a crescente feminização das migrações. Segundo Márcia Maria de Oliveira (2017), as relações patriarcais, resultadas da colonização e dos sucessivos estágios econômicos da

¹ Trabalho apresentado na DT IJ01 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFRR, email: anafigueirastar@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFRR, email: jose.tarcisio@ufrr.br

América Latina e do Caribe, foram peças fundamentais para que as relações de poder e dominação política e econômica nessa região fossem espelhadas também nas relações de gênero. Nesse sentido, vale destacar outra questão levantada por Oliveira: a ausência do direito feminino de não ter que migrar (OLIVEIRA, 2014, p. 195). Assim, emerge como questionamento introdutório: porque as mulheres migram? Além da busca por trabalho advinda da necessidade de melhorar suas condições econômicas, migrar representa uma alternativa adotada pela mulher para escapar de situações opressoras, buscar melhores oportunidades e libertar-se das amarras das dominações de gênero. Quando Oliveira (2017) aborda o conceito de feminização das migrações, explica que isso não significa dizer que as mulheres não migrassem antes, mas que passaram a ser contabilizadas e ganhar destaque nas dinâmicas migratórias. Por que só recentemente as mulheres passaram a ser notadas como parte deste processo? As respostas para a invisibilização feminina podem estar contidas nos estudos de gênero. Ao pensarmos no papel das mulheres no processo migratório, o que vêm à mente é que elas estão acompanhando os pais, o marido (ou vindo arranjar um) e os filhos. As fotos que podem ser encontradas no Museu da Imigração de Ellis Island, EUA, são prova de que esse pensamento vem persistindo a séculos (ASSIS, 2007). Lá, podem ser encontradas fotos de homens migrantes com a legenda “Você tem trabalho?”. Nas fotos de mulheres, a legenda “Você é casada?”. Até recentemente, o termo “migrante” era carregado por uma conotação masculina, criando uma concepção de que o verdadeiro migrante é o homem. Para Assis, uma das explicações para a ausência de distinção de mulheres e homens na categoria “migrante” era que, os homens representavam a maioria dos deslocamentos humanos internacionais e, mesmo quando havia predominância feminina, suas experiências não eram consideradas o bastante para serem tratadas como objeto de análise (ASSIS, 2007, p. 749). Assim, o fato da maioria das mulheres trabalhar na economia informal - em serviços domésticos, por exemplo - contribuiu para que fossem subestimadas e encobertas nos dados oficiais, reproduzindo relações de dominação de gênero, onde a mulher permanece como mera coadjuvante reprodutora. Mesmo que agora seja contabilizada, a participação feminina nas migrações não pode ser avaliada somente de forma quantitativa. Miranda (2009) explica que para que a contribuição econômica das mulheres fosse notada, os estudos sociais com abordagem analítica, que buscam compreender a complexidade da mente humana e experiências pessoais, foram

essenciais. A fim de revelar a motivação por trás do fenômeno da feminização das migrações, é necessário investigar as causas que levam a tal. Joana Miranda (2011), em outro estudo, a partir da análise de resultados de um projeto financiado pelo alto comissariado de Portugal para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) intitulado *Mulheres imigrantes em Portugal: Memórias, dificuldades de integração e projetos de vida*, identificou que as relações de gênero e hierarquias afetam a migração das mulheres. Desta forma, as relações familiares, ou a ausência delas, assumem papel como um dos principais impulsionadores das migrações femininas. O impacto da migração é diferente entre um homem e uma mulher, logo, para entender a complexidade deste processo, é necessário voltar os olhares para aquelas que antes foram negligenciadas (MIRANDA, 2009). Isto é o que também afirma Oliveira (2014), ao dizer que estudar a variável de gênero traz imensas contribuições para as pesquisas migratórias, possibilitando analisar os migrantes contemporâneos sob uma nova ótica, especialmente as mulheres. A mulher migrante, que transmutou-se com o passar do tempo e o acúmulo de experiências, adota hoje uma postura independente, mas ainda subjugada em certas áreas (OLIVEIRA, 2014). Investigar a relação da mídia com a manutenção da subjugação feminina migrante torna-se necessário para descobrir maneiras de promover o protagonismo desta classe. Joana Miranda (2009) afirma que a feminização das migrações agora é um fenômeno internacional, considerado por alguns autores como uma das principais características que definem a era das migrações atualmente. Partindo deste princípio, é interessante perceber que os lugares atualmente ocupados pelas migrantes nos países receptores permanece estático. Elas ainda ocupam os mesmos espaços reservados pela sociedade à performance feminina (MIRANDA, 2009). Essa constatação nos mostra que, apesar das mulheres finalmente serem percebidas como parte importante nos processos migratórios, elas continuam presas às barreiras de gênero. Para se livrar dessas amarras, não só pesquisadores, mas também grandes veículos de comunicação precisam entender, estudar e veicular o processo de feminização da migração com mais afinco, constatando o status da mulher enquanto migrante, sendo personagem principal de fatos, estudos e matérias, desvinculando a imagem da mulher a do homem, estabelecendo que cada uma possui uma história que precisa ser contada. É dessa maneira que todo o processo migratório e as relações de gênero que são englobadas por ele poderão ser melhor assimiladas, descobrindo e



entendendo como mudar estigmas que permeiam as migrantes e promovendo uma sociedade igualitária, seja em questões de gênero, sociais ou econômicas.

PALAVRAS-CHAVE: estudos de gênero; feminização das migrações; mídia; migração; mulher.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fabiane Cristina. **Corpo Suspenso:** O (a) imigrante na mídia Italiana. 2020. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2020. p. 365.

ASSIS, Gláucia. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, n. 15, v. 3, p. 745-772, 2007.

Miranda, Joana. **Mulheres imigrantes em Portugal:** memórias, dificuldades de integração e projetos de vida. Lisboa : Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2009. 267 p

MIRANDA, Joana. Mulheres em contexto migratório: figurantes ou protagonistas?. In. NEVES, Sofia. **Gênero e Ciências Sociais**. Maia/Portugal: SerSilito, 2011, p. 197 – 214.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. Feminização das migrações nas fronteiras da Amazônia. In.: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. **Anais...** Florianópolis, 2017

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas migratórias na Amazônia contemporânea**, Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, 2014, 340f.

R4V. Plataforma Regional de Coordinación Interagencial. Disponível em: <<https://www.r4v.info/pt>>. Acesso em: 23 de Abril de 2022.

STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2012, p. 51-61.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Palmas - TO – 02 a 04/06/2022